

A RECEPÇÃO DA *ANTÍGONA*, DE SÓFOCLES, NA DITADURA MILITAR DE 1964.

RODRIGUES, Gabriela Rocha¹; SPAREMBERGER, Alfeu²

¹Universidade Federal de Pelotas – gabbitti@bol.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – alfeu.sparemberger@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva apresentar a proposta desenvolvida em dissertação de mestrado no Curso de Pós-Graduação em Letras, área de Literatura Comparada, da Universidade Federal de Pelotas.

O trabalho se destina a estudar a recepção da *Antígona*, de Sófocles, pelos grupos de teatro durante o regime militar no Brasil - a partir dos conceitos teóricos de Hans Robert Jauss - a fim de analisar seu diálogo com os contextos histórico, social, político e econômico da época.

A problemática do trágico vem, desde a Antiguidade, suscitando o interesse de filósofos e teóricos da literatura que buscam a compreensão e a explicação desse fenômeno artístico. Nesse sentido, pretendemos tematizar o trágico a partir da visão de Hans Robert Jauss, teórico da corrente crítica denominada de Estética da Recepção. O autor defende que a relação entre o público e o escritor leva este último a adquirir plena consciência de sua obra através da reação de seus leitores; existiria um diálogo “vivo” entre o leitor e o escritor que permitiria à literatura ser aceita ou negada pelos leitores. Portanto, a recepção do público é o que possibilita a existência ou não da obra literária.

Raquel Terezinha Rodrigues explica que, para Jauss:

(...) o valor estético decorre da percepção estética que a obra é capaz de suscitar, ou seja, a maneira pela qual a obra vai atender, superar ou decepcionar as expectativas do público, que ele chamou de horizonte de expectativas. (...) A reconstituição do horizonte de expectativas não só possibilita uma recuperação do processo de comunicação no momento em que a obra surgiu, como também cria oportunidade para que seja feita a recuperação da história da recepção. A obra é considerada dentro do horizonte em que apareceu (RODRIGUES, 2010, p.2).

A partir das considerações acima, entendemos que a teoria jaussureana possui os elementos fundamentais capazes de viabilizar nosso objeto de estudo, qual seja, realizar um estudo que permita investigar e relacionar a recepção de *Antígona* pelos grupos de teatro, crítica e público, no regime militar de 1964 e sua pertinência ao contexto histórico, social, político e econômico instaurado pela ditadura.

A tragédia expõe o confronto entre dois conceitos de Justiça, dois sistemas de valores. *Antígona* – filha de Édipo e Jocasta – desafia o decreto de Creonte, o rei de Tebas, e presta honras fúnebres a seu irmão Polinices, morto em combate com Etéocles, em disputa pelo poder da cidade. A jovem princesa se rebela contra a lei do Estado alegando que sobre ela prevaleceriam leis imemoriais e, movida pelo excesso de amor à *philia*, morre em nome da sua exigência de verdade.

Importa salientar que o conflito inicial entre as personagens de Antígona desdobra-se em inúmeras oposições: o feminino e o masculino, a família e o Estado, a lei do sangue e a lei da cidade, os deuses do Hades e os deuses olímpicos, a liberdade e a opressão.

Nesse sentido, a questão da identidade representada nas personagens de Antígona e Creonte é definida (ou relativizada) através da marcação simbólica de que fala Kathryn Woodward:

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais (WOODWARD, 2009, p.14).

Na tragédia grega, a marcação simbólica é responsável pelo enfrentamento entre as personagens - Antígona e Creonte - que assumem posições sociais diametralmente opostas. Tal marcação simbólica também adquire significação em outra época: a obstinação dos grupos de teatro que, em 1964, fizeram da linguagem artística uma forma de resistência ao regime opressor que cerceava a liberdade da nação.

Segundo o crítico José Arrabal, em ensaio sobre o teatro nos anos 70: “Nunca, em toda a história de nossa formação social, foram proibidos tantos textos dramáticos e tantos espetáculos de teatro” (ARRABAL, 1980, p.33).

Nesse sentido, examinar de que maneira os grupos de teatro de 1964 recepcionaram a *Antígona*, de Sófocles, significa percorrer os caminhos que unem e individualizam os sujeitos históricos em determinados contextos sociais; além disso, possibilita observar (com assombro e encantamento) as contradições e os valores humanos que persistem no tempo.

Os pressupostos acima, aliados à questão do regime militar de 1964, no Brasil, suscitam vários questionamentos: de que maneira os grupos de teatro encenaram *Antígona* em plena época de repressão? Como os jornais da época noticiavam os espetáculos teatrais? Que discussões geravam? Até que ponto influenciaram socialmente? Até que ponto ameaçaram o poder instaurado? O que diziam os críticos? O que dizia o público? Entre outras.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A abordagem do tema foi realizada através de pesquisa bibliográfica e documental. Utilizou-se como base os principais textos de Hans Robert Jauss (*A Estética da Recepção: Colocações Gerais; O Prazer Estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis; A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*), a obra *Antígona*, de Sófocles, e críticos como: Luiz Costa Lima, Junito de Souza Brandão, Albin Leski, Gerd Bornheim, Gilson Motta, Jorge Luis Cunha Cardoso Filho e Regina Zilberman, entre outros, por fornecerem subsídios valiosos e indispensáveis para a concretização dos objetivos propostos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Até o presente, foi realizado todo o levantamento bibliográfico, bem como estudo de caso acerca da montagem de *Antígona*, encenada em Porto Alegre, em 1979, e dirigida por Luiz Paulo Vasconcellos. Realizou-se duas entrevistas: com o diretor de teatro Luiz Paulo Vasconcellos e com a atriz Sandra Dani, intérprete da personagem título na referida montagem; bem como recolhimento de material publicado em jornais da época. Até o momento, temos dois capítulos escritos e o último em andamento.

O trabalho ressalta, em primeiro lugar, a importância do estudo dos clássicos para a formação do homem, visto que as tragédias gregas são instrumentos pedagógicos importantíssimos para o exercício da reflexão e da educação ética.

Em segundo lugar, o trabalho discute a perenidade dessa tragédia e sua recepção em diversos momentos históricos. A montagem dessa peça, particularmente durante a ditadura militar de 1964, demonstra que a obra serviu como um objeto de reflexão muito importante, pois levou o público a pensar, refletir, a sair do teatro com uma experiência diferente. *Antígona* é um texto provocador, porque, se de um lado apresenta belíssima linguagem, de outro traz um conteúdo muito forte, atualíssimo em suas temáticas, e do qual o expectador não permanece isento de posição.

Por último, o trabalho debate a importância do resgate dessa obra clássica pelos grupos de teatro em uma época histórica pautada no controle e na repressão, como forma de resistência e possibilidade de catarse. Ainda, pretende discutir a importância da montagem de *Antígona* a partir da recepção contemporânea, a fim de perceber como um texto tão antigo é transposto para a atualidade, que linguagem foi utilizada, e como a nova linguagem toca o homem histórico daquele momento e como, a partir dessa experiência, esse homem reage e age na sociedade em que está inserido.

4. CONCLUSÕES

O conceito jaussureano de horizonte de expectativa leva em consideração tanto o leitor quanto a sua experiência estética. Com isso, o leitor e a recepção que este faz de uma obra são dados que contribuirão para a análise da mesma; além disso, a obra literária possibilita ao leitor uma consciência crítica de seus valores e perspectivas habituais e a possível ampliação de seus horizontes na práxis histórica.

Os pressupostos acima, aplicados à recepção da tragédia *Antígona*, de Sófocles, pelos grupos de teatro durante o regime militar de 1964, no Brasil, indicam, em primeiro lugar, que esta obra clássica de caráter universal foi utilizada como instrumento de resistência, pois o teatro (além da música) foi uma das artes que mais sofreu perseguição por parte do governo militar, mas, ainda assim, teve condições de enfrentar a ditadura através das inúmeras tentativas de mostrar o que estava acontecendo em nosso país, e a montagem da *Antígona* permite essa leitura em função da rebeldia da princesa tebana frente a uma ordem superior absurda. Na medida em que a cena teatral expõe a crueldade de um rei autoritário e a consequente resistência às suas ordens, o público teatral percebe e associa aquilo que assiste no palco com a sua própria vida, com o seu próprio tempo histórico, ou seja, relaciona a temática trágica com a atmosfera opressiva perpetrada pelo Estado autoritário brasileiro nos idos de 64-85. Nesse

sentido, a pesquisa revela que a encenação teatral em tempos de exceção proporciona um momento único de reflexão e resistência, pois oportuniza ao público ampliar a visão e a compreensão do tempo histórico do qual faz parte.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. **A Poética Clássica**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- ARRABAL, José. **Anos 70 – Teatro**. Rio de Janeiro: Europa, 1980.
- BORNHEIM, Gerd A. **O sentido e a máscara**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- JAUSS (et al). Hans Robert. **A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção**. 2ª ed. Coordenação e tradução: Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- LESKI, Albin. **A Tragédia Grega**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Literatura em suas fontes**. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- RODRIGUES, Raquel Terezinha. **Um retrato com palavras: aspectos da recepção crítica de José Saramago no Brasil**. Acesso: 20 de março de 2012. Online. Disponível em: www.letras.ufscar.br/linguasagem
- STEINER, George. **Antígonas: a persistência da lenda de Antígona na literatura, arte e pensamento ocidentais**. Relógio D'Água Editores, 2008.
- SÓFOCLES. **Antígona**. Tradução: Donaldo Schüller. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 9.ed. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.